

100 ✓

## PEQUENAS COMUNICAÇÕES

M. 183 - 136) Essai bio-bibliographique

### A OBRA CIENTÍFICA DE KOCH-GRÜNBERG

Theodor Koch-Grünberg, nascido na Alemanha em 9 de abril de 1872, faleceu em 8 de outubro de 1924, durante uma expedição etnológica destinada a explorar as nascentes do Orinoco. As suas obras não foram ainda traduzidas para o português e o valor de sua contribuição científica é mais ou menos ignorado fora do círculo estreito dos especialistas.

Koch-Grünberg dedicou o melhor de sua vida e de seu entusiasmo ao estudo de culturas e idiomas ameríndios, especialmente da Amazônia. Discípulo de americanistas eminentes, como Eduard Seler e Karl von den Steinen, deles recebeu, logo no início da carreira, orientação esclarecida e segura quanto aos problemas mais importantes a enfrentar. E como nenhum outro etnólogo europeu, ele próprio veio fazer jús ao título de americanista, no sentido mais rigoroso da palavra, tal a pertinácia com que se aplicou à investigação etnológica, geográfica e lingüística do Novo Mundo. No meio de seus escritos (que somam sessenta e tantos, entre livros e artigos de revista) não há um sequer — como já acentuou Rivet — que não trate exclusivamente de questões relativas à terra descoberta por Colombo.

Koch-Grünberg fez quatro viagens ao continente sul-americano. Participou da segunda expedição de Hermann Meyer ao Brasil Central (de 1898 a 1900), destinada especialmente à exploração do Ronuro, tributário do Alto-Xingu. Depois, nos anos de 1903 a 1905, percorreu a região florestal do noroeste brasileiro, por incumbência do Museu Etnográfico de Berlim. A terceira viagem, de 1911 a 1913, que teve o patrocínio do Instituto Baessler, levou-o ao extremo norte do Brasil e às terras contíguas da Venezuela; todavia, não logrou atingir e estudar as nascentes do Orinoco, objetivo a que resolveu depois consagrar a quarta viagem, organizada, com todos os recursos modernos, pelo milionário e etnólogo norte-americano Hamilton Rice. Este, porém, obrigou os componentes da expedição a ficarem acampados durante cinco ou seis semanas na pequena localidade de Vista Alegre no Médio Rio Branco, terrivelmente infestada de malária. Koch-Grünberg adoeceu logo e não pôde ser salvo, a despeito dos cuidados do dr. Shattuck, médico da Harvard, e de Hermann Dengler, desenhista da expedição. Colhido pela morte, muito antes de chegar ao destino da viagem, foi sepultado ali mesmo, em meio à pujante natureza tropical, que fôra o sonho de sua infância. Em atenção a um apêlo de Câmara Cascudo, a Prefeitura de Boa Vista

mandou proceder, faz vários anos, à exumação dos restos mortais do cientista, rementendo-os a Manáus, onde estiveram perdidos por algum tempo.

Foi o célebre Bastian — “pescador de almas”, como lhe chamou Karl von den Steinen — que, lendo um ensaio de Koch-Grünberg sobre o animismo (*Zum Animismus der südamerikanischen Indianer*, Leide, 1900), chamou o jovem cientista ao Museu Etnográfico de Berlim, proporcionando-lhe, dêsse modo, ambiente altamente propício para os seus trabalhos. Embora tivesse de contentar-se no princípio com um cargo não remunerado, o de simples auxiliar científico, não hesitou em aceitar o convite. No decorrer de sua carreira, colaborou com diversos museus e pelo espaço de nove anos foi diretor do Lindenmuseum de Stuttgart. Nas viagens fez ótimas coleções de utensílios e artefatos para várias instituições; assim conseguiu integrar os meios indispensáveis para cobrir as despesas. Os documentários abrangem também fitas cinematográficas de danças e outras atividades da vida tribal, além de numerosos fonogramas de canções primitivas. Não se pode, no entanto, dizer que a coleta de material representasse o fim predominante das expedições, pois o primeiro plano era ocupado pelos assuntos lingüísticos e etnológicos, que deviam ser compreendidos através do convívio com os próprios índios.

Boa parte de sua capacidade de trabalho foi aplicada ao levantamento e à classificação de línguas indígenas sul-americanas, especialmente da Amazônia. Nesta seara, Koch-Grünberg foi até hoje, ao lado de Paul Rivet e de Curt Nimuendajú, um dos mais competentes obreiros. Depois de alguns artigos menores, sobre o grupo maskóí do Gran Chaco e a fala dos Apiaká, elaborou uma obra lingüística, “Die Guaikurú-Gruppe”, (*Globus*, vol. 81, Brunsvique, 1902) que apresentou como tese de doutoramento à universidade de Würzburg. Um vocabulário kaduveo, feito na primeira expedição, constituiu o ponto de partida para esse trabalho. Em sua viagem de dois anos pelo noroeste do Brasil obteve vocabulários de 40 dialetos índios e na expedição de 1911 a 1913 colheu material lingüístico de 23 tribos diferentes, inclusive fórmulas mágicas e longos textos míticos. Dos cinco volumes de sua obra *Vom Roroima zum Orinoco* (Berlim e Stuttgart, 1917-1928), o segundo trata exclusivamente de mitos dos Taulipang e Arekuná, apresentados no idioma original, com tradução interlinear, e o quarto, de publicação postuma, encerra vocabulários e textos não sómente de uma série de dialetos karaib e aruak, mas também de muitas línguas isoladas. Ainda em 1924, quando a revolução que nesse ano se alastrou pelo país lhe impôs involuntário período de espera em Manáus, aproveitou o tempo para extensas pesquisas lingüísticas com representantes dos Tupi do Rio Machado, dos Maué do Baixo-Tapajoz e Purúbora e de uma tribo até então inteiramente desconhecida, da bacia do Guaporé.

Numa comunicação ao 22.º Congresso Internacional de Americanistas (Roma, 1926), o Pe. Wilhelm Schmidt pôs em relêvo o mérito de Koch-Grünberg no domínio da lingüística, salientando sobretudo quatro pontos capitais: primeiro, a descoberta de dois “ninhos” de idiomas iso-

lados no noroeste do território por êle explorado; segundo, a revisão fundamental dos conhecimentos sôbre as línguas tukano (outrora arrolados sob a designação geral de Betoya, porquanto se ignorava que o idioma Betói prôpriamente dito percente à família idiomática chibcha); terceiro a descoberta de uns tantos idiomas aruak e o enriquecimento do material relativo a outros, já anteriormente conhecidos, da mesma família; e finalmente, em quarto lugar, investigações sôbre uns vinte idiomas e dialetos karaib e uma nova delimitação da área geográfica ocupada por êste grupo. A morte o surpreendeu antes que pudesse tentar a realização de uma grande obra de síntese sôbre os problemas lingüísticos da Amazônia setentrional e das Güianas.

E' difícil resumir em poucas palavras o alcance de sua contribuição no campo da etnologia. Nomeado professor da Universidade de Friburgo, em 1909, deu a sua aula inaugural sôbre "máscaras e danças de máscaras entre povos primitivos", um dos temas de sua predileção, para o qual, aliás, trouxera copiosas observações originais de sua estada entre os grupos indígenas do Rio Negro e do Japurá. Também as artes ornamental e figurativa mereceram o seu interêsse; um de seus livros mais bonitos (*Anfänge der Kunst im Urwald*, Berlim, 1905), trata de desenhos feitos pelos índios; outro, *Südamerikanische Felszeichnungen* Berlim, 1907), é dedicado à análise de inscrições rupestres. Estas são interpretadas não como "ideografias", mas como simples manifestações de primitivo senso artístico, opinião que tem valido a Koch-Grünberg sérias críticas da parte de alguns dos nossos estudiosos das itacoatiaras. Dentre os seus trabalhos etnológicos, o mais importante é o terceiro volume de *Vom Roroima zum Orinoco*, que encerra um quadro bastante completo da cultura dos Taulipang, dos Xirianá e Waiká e dos Yekuaná e Guináu. Em artigos menores, insertos em revistas especializadas da Alemanha, da França, e da Áustria, comunicou as suas observações sôbre o trabalho feminino entre os selvícolas, a habitação, a caça e as armas, a pesca, a indumentária e outras questões particulares. Embora não fôsse psicólogo, não deixou de preocupar-se com os problemas da vida psíquica dos aborígenes e traçou interessantes perfís de personalidades índias. — No domínio da antropologia física descurou do registro antropométrico, mas em compensação reuniu e publicou abundante documentação fotográfica sôbre o tipo físico das principais tribos visitadas.

Um dos traços mais atraentes da personalidade de Koch-Grünberg era a sua maneira de encarar o índio. Como poucos, soube ver sempre no habitante das selvas o seu semelhante, o ser humano, merecedor de profunda simpatia e de grande amizade. Inúmeras passagens de seus livros patenteiam essa atitude. Era inconsolável diante dos efeitos desastrosos que o contacto com aventureiros de tôda sorte tinha sôbre a vida dos selvícolas. E ainda poucos dias antes de sua morte, em Vista Alegre, escreveu em seu diário estas palavras: "Os índios do Rio Branco estão próximos do seu fim. Os que escaparam da gripe, que exterminou malocas inteiras, vão sendo agora liquidados definitivamente pelos balateiros, pelos garimpeiros de ouro, pelos catadores de diamantes. Tôda a região que

cerca o Roroíma está inundada de brancos, pretos e mestiços desclassificados da Güiana Inglesa, do Brasil, da Venezuela e de não sei quantas terras mais. Os poucos índios que sobrevivem são privados de seus direitos e reduzidos à escravidão. Acabou-se a ingênua alegria, acabaram-se as danças solenes, o parixerá, o tukui e as outras tôdas, acabaram-se os alegres folguedos da criançada na praça da aldeia em noites de luar. Felizes os que morreram a tempo." (*Am Roroíma*, Leipzig, 1934, págs. 158-159).

*Egon Schaden*

*M. 126-9 Solpeiron* A PACIFICAÇÃO E A ACULTURAÇÃO DOS XOKLÉNG

Desde setembro de 1914 não há índios bravios nas matas catarinenses da região do Itajaí. Nessa época o Serviço de Proteção aos Índios estabeleceu relações pacíficas com os Xoklêng (também conhecidos como Botocudos de Santa Catarina), que desde sempre se haviam mostrado hostis ao homem branco, trucidando número bastante grande de pacíficos cidadãos. Persuadidos afinal a adotarem modos de vida sedentários, habitam hoje um território cedido pelo governo estadual junto ao Rio Plate, onde funciona o Pôsto Duque de Caxias, destinado a aproximá-los da civilização e a protegê-los contra agressões ou exploração por parte de indivíduos inescrupulosos.

Os primeiros ensaios de pacificação dos Xoklêng empreendidos pelo governo datam de mais de um século. Fundada a colônia de Blumenau em meados do século passado, as experiências se repetiram de tempos em tempos, mormente depois de cada um dos assaltos realizados pelos silvícolas contra a colônia. Em sua monografia histórica sobre o município de Blumenau, o escritor José Deeke apresenta uma relação mais ou menos completa dessas tentativas de pacificação, cujo malôgro era devido sempre à atitude pouco resolvida das pessoas incumbidas da tarefa. <sup>1</sup> Neste caso estão, por exemplo, o Padre Virgílio de Amplar e Albert V. Fric. Sobretudo êste último parece não ter entrado em contacto direto com os Xoklêng, do contrário não os descreveria como feroz sub-tribo dos "Kaingaã" constituída de monstruosos anões que a si próprios se chamam "Sseta". <sup>2</sup>

A pacificação dos Xoklêng é obra de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, atual diretor do pôsto, que na época era simples funcionário subalterno de Serviço de Proteção aos Índios. Na ausência de seu chefe, foi ao encontro da horda indígena, a cujo respeito se impôs por sua intrepidez e sangue-frio. Nos primeiros tempos, não foi fácil o trabalho da pacificação, mas por fim Hoerhan venceu tôda resistência e desconfiança da parte dos aborígenes. Hoje êstes o estimam e lhe obedecem como chefe e amigo. Eduardo Hoerhan é, sem dúvida, o melhor conhecedor da língua e da cultura xoklêng. E' pena, entretanto, que até hoje não tenha publicado nada sobre a tribo, tão pouco estudada.